

# **O VIZINHO POETA**

*Traduções minhas de poetas queridos  
ou elaborações minhas de poemas de outros*

## ***Arte poética***

Olhar o rio feito de tempo e água  
e recordar que o tempo é um outro rio.  
Saber que perdemos como o rio  
o que os rostos pensam como água.

Sentir que a vigília é o outro sonho  
que sonha não sonhar, e que a morte  
que tanto teme a nossa carne é essa morte  
de cada noite, assim chamada: sono.

Ver em cada dia ou ano um símbolo  
dos dias do homem e de seus anos  
e converter o ultraje de seus tempos  
em uma música, um rumor e um símbolo.

Ver na morte um sono e no ocaso  
um ouro triste, e assim é a poesia  
que é pobre e imortal. E a poesia  
volta como a aurora volta e volta o ocaso.

Às vezes, nas tardes uma casa  
nos olha desde o fundo de um espelho.  
A arte deve ser como esse espelho  
Que nos revela a nossa própria casa.

Contam que Ulisses, cansado de prodígios  
chorou de amor ao divisar sua Ítaca  
de verde eternidade, não de prodígios.  
Verde e humilde, a arte é essa Ítaca

e é também um rio interminável  
que passa e fica e é cristal de um igual  
Heráclito inconstante, que é o mesmo e é outro  
assim como um outro rio interminável.

*Jorge Luis Borges*  
(claro)

**(de Borges)**

Será (me digo então) que de algum modo  
secreto e suficiente a alma sabe  
que é imortal e que seu vasto e grave  
círculo abarca tudo e tudo pode  
e para além deste afã e deste verso  
me aguarda inesgotável o universo.

*Composición escrita em um ejemplar de la  
Gesta de Beowulf – 225*

## **A pobreza**

Aí não queres,  
te assusta  
a pobreza,

não desejas  
ir com sapatos rotos ao mercado  
e voltar de lá com o velho vestido.

Amor, não amamos  
como querem os ricos,  
a miséria. Somos nós  
quem haverá de extirpá-la como um dente ruim  
que desde sempre mordeu o coração do homem.

Mas eu não quero  
Que temas a pobreza.  
Se por minha culpa ela chega à tua morada,  
se a pobreza expulsa  
os teus sapatos dourados,  
sue ela não expulse o teu sorriso que é o pão de minha vida.  
Se não podes pagar o aluguel  
sai em busca do trabalho com um passo orgulhoso,  
e pensa, amor, que eu te estou vendo  
e juntos somos a maior riqueza  
que jamais se viu reunida sobre a Terra.

*Pablo Neruda*

*A Pobreza*

*Los versos Del Capitan*

*Editorial Oveja Negra Bogotá Colombia - Pg. 66*

## **Um deus sonhado**

Desde um mundo que ignoro  
tu procedes ardente de beleza  
e eu me clareio e há a luz porque eu sei  
que existe tamanha formosura. E tu vens  
de frente. Vens, e chegas aqui como a folha  
cai da árvore e voa até mim e embala o vento.  
O vento como o Sol, como um de seus raios  
Que és. Que ele é e Sol me envia.  
E então eu digo como um som, uma palavra:  
que ele sou eu, e sou  
e digo a ti que venhas, Deus  
e por um momento  
e sonhas, como eu, minha palavra.

*Angel Crespo*

*De que livro? De onde?*

*Foz, na Galícia, janeiro de 1997*

*(debaixo de tempestade boreal)*

## O Mundo para além das palavras

Escuta, há dentro deste mundo um outro mundo  
Impermeável às nossas palavras.  
Nele a vida não teme a vinda da morte  
E nem a primavera dá lugar ao outono.

Velhas histórias e antigas lendas surgem de telhados e paredes  
E mesmo as pedras e as árvores exalam a poesia.  
Aqui a coruja da noite transforma-se no colibri  
E o lobo gosta de ser um belo pastor.

Para que a paisagem mude à tua volta  
Basta mudares o que sentes  
E se queres vagar por entre estes cenários  
Basta que digas a ti mesma o teu desejo.

Fixa o olhar no deserto dos espinhos  
E vê como logo ele é um jardim florido.  
Vês aquele bloco duro de pedra no chão?  
Olha bem: ele se move e vira um diamante.

Lave bem as tuas mãos e o teu rosto  
Nas águas puras deste lugar  
Porque aqui os que te amam te alimentam.  
E aqui é o lugar onde todo o ser gera um anjo  
E quando um deles retorna com Deus aos céus  
Os que se foram retornam à vida.

Já vistes por certo as árvores crescendo sobre a terra,  
Mas quem já viu um Paraíso quando ele nasce?  
Vistes também as águas de rios e de mares  
Mas quem já viu nascerem de uma só gota de água  
Tantos e tantos seres tão cheios de vida?

Quem conseguiria imaginar esta Morada,  
Este Céu e este Jardim do Paraíso?  
Tu, amiga, que agora lêes este poema,  
Lê tua alma e traduz o que agora sabes.  
E vai, e conta a todos o que aprendestes  
Sobre este lugar abençoado.

*Rumi*

*O mundo além das palavras*

*Sede de Deus – orações do judaísmo, cristianismo e islã*

*Editora VOZES – Petrópolis, página 180.*

## **Inventário**

Secas, sem ares e vivas da vida  
o que é igual ao que não é azula  
e no escuro do escuro do que existe  
cresce no altar do tempo a ara do tempo  
e sobre o solo da alma a água apruma  
o seu se ir de rio em rio caminho afora  
e é tarde e chove e cai um raio e um outro  
acende o céu e o céu aclara a noite clara  
e é cada estrela como a espera de outra  
e o sol da luz lembra ao olhar do homem  
que uma vela só clareia o mundo.

*Wallace Stevens*

*(onde? quando?)*

## **A Lua**

Pensava que o poeta é aquele homem  
que como o áureo Adão do Paraíso  
impõe a cada coisa o seu preciso,  
verdadeiro e não sabido nome.

Sei que a Lua ou a palavra Lua  
é uma letra que foi criada para  
a escritura misteriosa dessa rara  
coisa que nós somos: numerosa e uma\*

\* coisa que somos: minha alma e a sua

*Jorge Luis Borges*

*La Luna*

*133 (de onde?)*

## **E como aquela**

E como aquela noite nunca houve  
quando a luz da lua como vinho se bebia  
e no fim da tarde ela veio leve e fria  
quando em tudo o arco-íris das nuvens  
desenhava as sete cores de que o sol  
fiava a roupa do atardecer e se cobria  
de vermelho e de roxo, de azul e cinza  
e de tristeza e solidão, paz e alegria.

*Meu mesmo*

*(com Borges?)*

**outro**

em que a ninguém  
verei e assim  
verei então o outro

*Borges (claro)*

*156 (obras completas em espanhol? em português?)*

**T. S. Eliot**

Rumo ao mar eu os vejo, cavalgando ondas  
Penteando as suas longas crinas brancas e encrespadas  
Quando o vôo do vento revolve  
águas negras e águas brancas.  
Nós dois no abandono ficamos  
Nas mansões do mar, sua morada  
Entre ondinas e véus de algas claras e cor de púrpura.  
Até quando outras vozes de homens nos despertem  
E, então, morreremos naufragados.

*Tradução livre e criativa da penúltima páginas do*

*A canção de amor e morte de J. Alfred Prufrock*

*De T.S. Eliot*

## **Neruda**

Tenho uma doença  
Que me rói  
E não verei meu planeta  
Convertido em rosa.  
Trago em mim uma morte antecipada  
E de meu país ao Sul  
Não verei a hora da festa,  
A alegria na rua.  
Tenho uma tristeza que me amarga  
E se me perguntarem porque  
Direi que não,  
E que o silêncio da lua  
Fale por mim e julgue.

*Na página 17 de defeitos escolhidos e 2000  
Pablo Neruda*

*Diálogo com Rainer Maria Rilke  
às voltas com os Sonetos a Orfeu*

12

Deseja ser outro: transformar-se. Que a chama te entusiasme  
Onde algo te escape e seja o sinal da raiz da transformação.  
O espírito da criação, o mestre da Terra  
No desejo da imagem ama, mais que tudo, o ponto da mudança.

O que está preso no que permanece já é da pedra e já é pedra,  
Acaso se crê seguro, abrigado nas mãos de uma queda invisível?  
Espera: a dureza mais densa e amarga adverte ao que dura  
E, então, é aí que o martelo ausente ensaia o gesto e quebra.

Aquele que jorra como a fonte, o reconhecimento o acolha  
E o guia feliz de ser através da criação pacificada  
Ele, que como a fonte das origens se revê e recomeça a cada dia.

Todo lugar de ventura é filho ou filho da filha da ruptura  
E é através dela que eles, perplexos, atravessam.  
E Dafne como raízes,  
Como o loureiro, deseja que tu te transformes em vento.

Veja as flores e o ser tão fiel à terra  
A quem damos um destino à beira do destino.  
Mas, quem saberá? Quando elas pranteiam o morrer  
Somos nós aqueles por quem elas choram?

Tua deseja voar. Com peso nos pés andamos no mundo.  
Pesamos sobre tudo e com o pesar nos encantamos.  
Ah! Que senhores da fartura não somos nós para tudo  
Só porque há em tudo a fortuna de nossa distante infância.

Flores. Se alguém as quisesse  
para o silêncio do sono e nele dormisse  
Profundamente, entre as coisas – como então amanheceria leve  
E diferente num outro dia,  
ao chegar a uma tal profundidade do sentir

Ou talvez por lá ficasse. E as flores floresceriam de louvar  
Aquele que se converteu e agora parece haver aprendido a ser  
Como todas elas, as irmãs silenciosas dos ventos do Prado.

## *Destinos*

*Revisita a poemas de ESTRAVAGÁRIO, de Pablo Neruda.*

*Eu li este livro e escrevi poemas e fragmentos meus, sobre os de Neruda, ao longo de vôos de avião entre o México DF e Londres em 1982. Depois eu o levei a Manta, no Litoral do Equador, em setembro de 1989.*

*O que é traduzido de Neruda está em itálico.*

### *Um*

Certificados do olho longo e lento  
Inscrições na unha da amêndoa  
E título na erva da manhã.  
Um toco de vela, um de lápis  
uma Rosa dos Ventos, um rosário  
o inventário de nomes em que crer  
um almanaque escrito em língua antiga  
um breviário romano, em livro celta  
e o calendário dos dias de viver.

## ***Dois***

Se trata que tanto eu vivi  
Que quero viver outro tanto  
E reviver em quem fui,  
quem em deixei em algum canto.

Nunca vivi sem querer  
Viver de novo e agora.  
Nunca custou tanto a vida  
Entre meus lábios de auroras.

*Página 11*

## ***Três***

E chega a morte ao calendário  
E de negro tinge o dia e a hora  
E o que foi lonjura em céu de maio  
É o tempo que cabe num agora.  
É o tempo da ceifa e da colheita  
Do que é seiva em nós e nos acolhe  
Sob o teto da casa da memória.

*Página 17*

## **Quatro**

A prisão da memória  
Amedronta o poeta  
Entre três e seis horas  
Ele teme o encontro  
Entre o pássaro e o tempo  
Entre a terra e o retorno  
Entre a alma e o animal.  
Ele teme o retorno  
Outra vez, como sempre  
da noite e do vento.

*Página 20*

## **Cinco**

Guardo para ti essas noivas selvagens  
Que haverão de tecer a primavera  
E que não conhecem o pranto  
Guardo para a noite que te habita  
Essas luzes de fogo e de agosto  
E murmúrio de um velho bruxo  
Sobre os mistérios do mundo.  
E mais as flores, o mel, o odor dos campanários  
De torres de igrejas onde deus é pombas  
E o sopro dos ventos e o rumo da vida.

*Página 25*

## **Seis**

E sou um professor da vida  
E da morte, um estudante  
E se o que eu sei não lhes serve  
Nada eu disse e eu disse tudo.

*Página 31*

## **Sete**

Como então fosse ontem e eu, pequeno  
Com a mão direita apontava as estrelas  
E segredava entre os dentes os seus nomes.  
E pensava que o poder de soletra-las  
Me fazia grande e eterno como a noite.  
Um momento, um só momento desses  
Salva o homem da morte e do esquecimento.

*Página 32*

## **Oito**

Mais um pouco e não te veremos  
Lua, irmã, luzeiro da noite escura.  
Mais alguns minutos de vôo ao norte  
E irás sumir atrás da última janela.  
Mais alguns momentos e apenas  
A tua luz de mil velas de festa de aldeia  
Haverá de iluminar a asa do avião.  
Brilha, portanto, como num altar  
Diante da mulher que ora de joelhos  
E como tu, irmã, vestida de branco  
Não sabe mais se crê em um deus  
Ou se o cria só de estar ali de joelhos  
Vestida de branco, atenta e acesa.

*No mesmo vôo entre o México e Londres, sobre o oceano*

*Na noite de 4 de setembro de 1982.*

*Página 36*

## **Nove**

Que eles descubram a aurora  
Cavando a noite com as duas mãos  
E aos seus nomes dêem beijos.  
Que eles aprendam com as aves  
O calendário do outono  
E voem como em setembro  
As folhas secas ao vento.

*Página 39*

## **Dez**

Agora, vistos do alto  
Enquanto a manhã amanhece  
Lugares que conheci vagando  
A ponta dos dedos nos mapas.  
Lugares reais como a noite  
Como os silêncios que agosto  
Semeia no coração.  
A península do Labrador  
Os grandes mares do Norte  
ilhas e ilhotas de gelo  
Que os ventos do Ártico sopram  
E depois com força empurram  
Contra os calores do Sul.

*Página 43*

## ***Onze***

Caminhos, eu os encontro  
Mais me perdendo que achando  
Pois se não me perco, onde  
Posso encontrar-me encontrando  
Caminhos que por perdidos  
Deram em caminhos e encontros.

*Página 50*

## ***Doze***

Como no Chile, beiras do mar  
Em Punta de Tralca.  
Éramos sérios, salvaríamos o mundo  
E dizíamos as palavras pungentes  
De quem sabe que vai salvar o mundo.  
Mas eu muito me esqueci do que disse  
E do que eu ouvi.  
Mas nunca irei esquecer o canto triste  
O piado marinho daqueles pássaros do Pacífico  
Que eram como anjos cheios de luz  
E voavam como magos sobre as ondas  
E o vento frio do sul.

*Página 52*

## *Treze*

Enquanto escrevo estou longe  
E quando eu volto, parti:  
Vou ver se com outras gentes  
Acontece assim como a mim.  
Se eles são tantos como eu sou  
E se comigo parecem.  
Quando eu tenha averiguado  
Vou saber tão bem as coisas  
Que para explicar meus dilemas  
Falarei em Geografia.

## *Catorze*

Com suas duas geografia  
Escritas nas línguas em que falam  
Alguns rapazes do Ceilão  
Davam berros que ninguém ouvia  
Numa esquina em Picadilly Circus.  
Os cartazes que ninguém lia  
Gritavam contra os tiranos  
Que em terras distantes  
Bebiam o vinho, gordos e surdos.  
Morenos homens, baixos e vestidos de terno  
Irmãos do meu silêncio na tarde fria  
Que entre brumas nos acolhe de repente  
E por um instante nos faz cúmplices.  
Porque eram as quatro horas da tarde  
E era frio e ventava e ninguém ouvia.  
Então parei por momentos na beira da calçada  
E num tímido gesto esquivo de estrangeiro  
Quis unir aos seus gritos de guerra  
A um deus, a um povo, a um quem?  
O meu aprisionado grito companheiro.

## *Quinze*

Passou um cachorro e uma monja  
As estrelas de Órion e um vaga-lume  
Uma semana e um ano e um arco-íris.  
Passou o lavrador do oitavo dia  
E uma braçada de rosa e açucenas.  
Passaram as horas de viver ainda  
E mais a soma dos anos esquecidos  
Num calendário deixado na estante  
Do quarto de uma moça cega  
Que não viu nada passar e vive apenas.

*Página 68*

## *Dezesseis*

E onde estás, vou perguntando  
Se os teus olhos desaparecem.  
Quanto tarda! Penso e me ofendo  
Eu me sinto pobre, tonto e triste  
e chegas eras como um brisa  
que sopra e soa sobre os laranjais

*página 94*

## *dezessete*

O Douro que ontem subia azul  
Por serras e aldeias de Portugal  
Desce hoje verde e verdeja os vales  
Carregado do calor de setembro.

*Página 108*

*Eu viajava de trem por Portugal indo Lamego  
E vindo de Lamego.*

## *Dezoito*

Houve um sábado no mar do Rio  
O sol se escondia entre montes  
E era tarde e era dia ainda.  
Em um lugar de azul e nuvens  
Havia nas províncias do céu  
Dezenas de gaivotas voadoras.  
Pássaros marinhos da alegria.  
As pessoas da tarde comiam  
Porções de pão com cerveja  
E eram, como os pássaros, felizes.  
Porque era sábado e a praia  
Saltimbancava magias  
Que os meninos com pás de plástico  
Nos seus baldes recolhiam.

*Página 110*

*Estaria eu já no Rio de Janeiro?*

## *Dezenove*

Entre morrer e não morrer  
Me decidi pela viola  
E nessa intensa profissão  
Meu coração não tem trégua.  
Porque ali. Onde menos me esperam  
Eu chegarei com minha tralha  
para colher o primeiro vinho  
Entre os assombros do outono.

Para dizer às flores de abril  
Que enfim amanhece e a chuva  
Precisa tanto delas como do sol,  
Quanto do canto e do amor.  
Por isso poeta, sigo nesse ofício  
de surpreender a cidade e a vida  
Com goles de vinho e vento.

*Página em branco, final*

*Deixei sem saber se este poema nerudiano e de Pablo Neruda ou meu.*

*De qualquer forma, uma tocante coincidência.*

*Ontem enviei para a editora o meu livro: as flores de abril.*

*Hoje as mesmas palavras aparecem de repente em um poema.*

## ***Vinte***

E esses barcos, como os velhos  
Vieram assentar na areia  
E já não viajam mais.  
Inclinaram o casco e o mastro  
E usam bengalas e chinelas.  
Foram um dia a viagem

E ao sol esquecem de onde partiram  
E quando aportaram aqui.

*Página 181, do índice final*

## *Vinte e um*

Eu te buscarei a quem amar  
Antes de que já não sejas mais um menino.  
Depois te toca abrir com as mãos a caixa  
E comer os teus sentimentos e o pão.

Tenho rainhas encerradas  
Como abelhas em meu domínio  
E, uma por uma, tu bem verás  
Como elas procuram no vento o bem  
E pranteiam na colmeia o mal  
Para se vestirem de maçãs  
Para voarem entre cerejeiras  
Para palpitem na fumaça.

Guardo para ti essas noivas selvagens  
Que haverão de tecer a primavera  
De colher entre as frutas, uma de ouro  
E que por isso não conhecem o pranto.

No relógio do campanário  
Esconde-te enquanto desfilam  
As iluminuras do amaranto  
Entre as últimas filhas da neve,  
As perdedoras, as vitoriosas,  
As coroadas de amarelo,  
As infinitamente obscuras  
E algumas, ternas, pausadas  
Farão o seu baile transparente  
Enquanto outras ardendo passam  
Fugazes, como meteoros de luz  
De uma luz que se acende sem fogo  
Ao rumo de um gesto, um aceno.

Dize-me, qual desejas já, agora  
Meio tarde seria tarde demais.  
Pois hoje acreditas no que te digo  
E amanhã negarás até esta luz.

Hoje sou eu quem fabrica sonhos  
E na minha casa de pluma e de pedra  
Com uma faca e mais um relógio  
Conto eu as nuvens e as ondas  
Com o que sei de geometria  
E faço crescerem seres sem rumo  
Que ainda irão nascer um dia.  
O que eu quero é que te queiram  
E que não reconheças a morte.

*nas páginas em branco finais do livro*

## *vinte e dois*

Com nuvens e crepúsculos  
Estrelas, marés e centauros  
Corrijo todos os dias  
A minha rosa-dos-ventos.  
Com os objetos da vida  
Conselhos, mitos e sonhos  
Panelas e veleiros, panos  
Todas as noites revejo  
Os mapas de meus enganos.

*na última (agora sim) página do livro em branco*

## **vinte e três**

*revisão do mesmo poema, na mesma página*

Cansaços, vigílias, sonhos  
Painéis, pães e veleiros,  
Todas as noites revejo  
Os mapas de meus inventos.  
Marinheiro aprendiz, reaprendo  
O pulso que freme abaixo  
Da arquitetura dos mares.  
Faz tempo deixei ao leme  
O poder de achar seus rumos  
No itinerário dos ventos.  
Não sei que dia de agosto  
Me faz esquecer pra sempre  
Que a morte é só o convívio  
Do viajante com o porto.

*Sem indicação de data, mas na página 175 de  
**O estravagário**, e que é a página final do  
Último poema de Neruda, está escrito a mão  
O seguinte: chegando a Recife, madrugada de  
14 de setembro de 82.*

*Chegando de Lisboa. Pois no desenho de rumos  
Que fiz com a mesma caneta na contra-capá do  
Livro, estão assinalados: Campinas/São Paulo/Rio/México/  
Inglaterra (e setas indicando três cidades)/Portugal.  
E, em Portugal: Lisboa/Porto/Lamego/Alba da Foz  
(houve mesmo uma esquecida cidade com este tão lindo  
nome: Alba da Foz?)*

*Acabado de ser revisto e transcrito na manhã de  
Dias de muita chuva, na Rosa dos Ventos, em  
Seis de janeiro de 2005, aniversário de André e  
Festa de Santos Reis.*

## *de um homem*

Diga, então que tudo  
É só a serenata  
De um homem  
Que o violão azul tocava.

*Na página 62 de POEMAS  
De Wallace Stevens – o poema é dele.  
o bicho-que-guarda*

## *Eu vou, e eu sei*

E no alto a cruz, no alto  
me diz o que vaga  
em minha alma  
e faz em mim  
o ardor de navegar.  
E vou, e sou e sei  
que de Deus a eterna calma  
Só encontra quem foi  
para um dia não voltar.

*Com Fernando Pessoa  
Em um dos poemas de Mensagem*

*Poemas e fragmentos escritos em um livro em espanhol com  
poemas de Pablo Neruda*

*Primeiro*

Alguma coisa de uma fuga imensa  
Que não se vai e que arranha dentro  
Algo que casa as palavras, que fundos poços  
E algo que contra tudo se lança e contra todos  
Como à noite fazem os prisioneiros  
Contra o terror sem fim dos calabouços

*Campinas/Rio a caminho de Roma em 10 de dezembro de 1985.*

*Segundo*

E estavam os objetos da noite  
pregados no vidro da janela  
como a lenta memória  
das asas de gaivotas azuis  
mortas em alto mar, longe da terra  
em busca da flor das esmeraldas  
e os sorrisos dos desaparecidos  
na bruma da manhã.  
Na densa nuvem úmida da amanhã  
Onde nascem, todos os dias nascem:  
Bailarinas, mágico e mortos.

*Milano/Assisi, 20 de dezembro de 1985*

### ***Terceiro***

Aqui, neste lugar chamado cerrado,  
Sertão, onde o ilimitado espia o próprio aço  
e de seu corte não reconhece onde termina,  
aqui onde o cor de mil pássaros  
não roça ainda o mapa de Minas,  
O território marinho entre os monte  
Onde qualquer caminho é princípio e fim de si mesmo,  
Porque nada parte e nada chega:  
Goiás, o infinito vagar entre os dias sem horas  
E as noites sem fronteiras.

### ***Quarto***

E então, noite fria,  
Quando imenso rouba do céu  
O rosto e o nome das estrelas  
Com que se orientam os poetas  
Então ,eu te dizia sem desamparo  
Que esta toca de flores e de ruínas  
Nasceu assim nos adros de minha alma.

*Nápoles/Roma, 29 de dezembro, chegando para partir.*

